

Ciência faz carreira

Após muito trabalho e mobilização de servidores técnicos e docentes, acontecia, em 1989, o primeiro Salão de Iniciação Científica (SIC) da UFRGS. Agora em sua 30.^a edição, o evento se afirma como um ambiente fundamental para o estímulo à pesquisa na graduação. Nesse tempo, muita coisa mudou: os 198 trabalhos apresentados em 1989 chegaram a 2.403 em 2018. Além disso, no Salão UFRGS, atualmente, a iniciação científica compartilha o espaço com trabalhos ligados ao ensino e à extensão – há ainda a Feira de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, o Salão UFRGS Jovem e o Salão da Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS. Para esta reportagem especial, o JU localizou cinco dos nove vencedores do Prêmio Jovem Pesquisador da primeira edição do SIC – naquela época ainda não havia troféus, que só passaram a ser distribuídos em 1999. Eles contam um pouco da sua experiência e refletem sobre o quanto a iniciação científica foi importante em suas trajetórias.

TEXTO EMERSON TRINDADE ACOSTA E HENRIQUE MORETTO

FOTOS ROCHELE ZANDAVALLI

Eduardo Vélez

Ciências Biológicas



No primeiro semestre de 1987, quando o biólogo Eduardo Vélez, então estudante de graduação, foi ao Centro de Ecologia da UFRGS para conversar sobre a possibilidade de fazer iniciação científica, ele não imaginava que viria a ser um dos vencedores do primeiro SIC. Seu objetivo era poder estar mais próximo da área que sempre foi sua grande paixão – meio ambiente e conservação da natureza – e complementar a grade curricular do curso de Ciências Biológicas. “A iniciação me deu habilidades que a graduação, somente com suas aulas teóricas e práticas, não me daria: essa questão de entender o que é o método científico, aplicar isso na prática para questões concretas, além da socialização no mundo da ciência”, aponta.

A afeição pela academia continuou e Eduardo fez mestrado e doutorado em Ecologia e atualmente faz seu terceiro pós-doutorado – todos na UFRGS. Ele é pesquisador do Laboratório de Estudos em Vegetação Campestre. Além de atuar em projetos de pesquisa, o biólogo também teve experiências em gestão institucional e

políticas públicas – ele foi diretor do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do RS de 1999 a 2002 e diretor de Patrimônio Genético no Ministério do Meio Ambiente de 2003 a 2007.

Quem vê o extenso currículo de Eduardo nem imagina que apresentar seu trabalho sobre decomposição de plantas em ambientes aquáticos, no SIC de 1989, foi um grande desafio. “O Salão é um espaço de crescimento pessoal: a questão de se expor, de falar em público, de tentar mostrar para as pessoas que o teu trabalho é interessante”, avalia. A dificuldade, no entanto, foi compensada: premiado, ele ganhou direito a uma viagem de estudos. Escolheu pesquisar sobre algas microscópicas das lagoas costeiras do estado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, atingido por incêndio em setembro deste ano. “Foi lá que eu fiz meu treinamento científico, foi um momento muito bacana da minha trajetória acadêmica. Fiquei muito triste não só pelo patrimônio científico que se foi, pela memória, pelo simbolismo daquela tragédia, mas por uma questão pessoal também”, assevera.

Ilza do Canto

Ciências Humanas



Um dos poderes mais bonitos do conhecimento é distorcer o tempo; a capacidade que tem um trabalho de se manter atual mesmo muito depois de sua produção e da época estudada. A relações públicas Ilza do Canto conhece este poder: em 1989 foi premiada no primeiro SIC com a pesquisa *A República Nova e o surgimento da primeira agência de propaganda no Rio Grande do Sul*, em que investigou a estrutura político-econômica do período da República Velha, na década de 1930, para tratar da S.T.A.R. LTDA, primeira iniciativa gaúcha em publicidade, estabelecida em 1932. Mesmo em 2018, quase um século após o período pesquisado, e três décadas depois da publicação, o estudo mantém contemporaneidade e é referência na área: “Toda vez que precisam referência sobre esse tema, da história da propaganda no estado, eu tenho sido chamada para falar, até hoje. Algo que ainda farei é publicar o trabalho como livro, ele está publicado só como trabalho acadêmico”.

A experiência foi um marco na carreira de Ilza, mesmo que

não tenha seguido carreira como pesquisadora. A premiação na época foi uma viagem para o Rio de Janeiro, onde ela teve oportunidade de conhecer empresas de comunicação, além de ter apresentado o estudo em congressos e eventos na área. Hoje, segue tendo contato com a iniciação científica por meio das filhas, uma formada em Farmácia e a outra cursando Medicina Veterinária. “Elas trabalham nas pesquisas e é muito importante a apresentação no Salão, pela troca, por conhecer outras coisas que estão sendo investigadas na área”, revela. Para as relações públicas, o SIC se consolidou como um evento científico no Rio Grande do Sul, para o qual muitos olham como um berço de produção científica. “É uma iniciativa que deve permanecer e é fundamental para o fazer científico e para que se divulgue tudo que se trabalha dentro da Universidade. Acho que esse é o grande desafio também da UFRGS, e o Salão tem esse papel, de fazer a interação da academia com a sociedade”, reflete.

Valéria Monaretto

Linguística, Letras e Artes



É impossível contar a história da professora Valéria de Oliveira Monaretto, do Instituto de Letras da UFRGS sem falar de variação linguística no sul do país. Hoje, ela coordena a participação da UFRGS no projeto de mesmo nome, mais conhecido pela sigla Varsul, que envolve as universidades federais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, além da PUCRS. Sua ligação com o tema vem desde a década de 1980, época em que era estudante de graduação e fez parte do grupo que venceu o Prêmio Jovem Pesquisador no primeiro SIC. “A iniciação científica é fundamental. Ela abre os horizontes, é uma complementação do curso de graduação, e aprofunda questões específicas dentro da área de pesquisa. Tive a sorte de a professora Leda Bisol ter me escolhido numa época em que os estudos não existiam no volume que encontramos hoje. Poucas pessoas faziam pesquisa, ainda mais em língua portuguesa. Me motivei a continuar estudando, me apaixonei e até hoje sou pesquisadora porque gosto, vejo um retorno pessoal e acho que a gente pode oferecer alguma coisa para as pessoas.”

Segundo a docente, trabalhar com pesquisa segue sendo um desafio. “Enfrentamos uma fase muito difícil, com cortes de gastos. Mas a área de Letras não precisa de muito investimento, de equipamentos muito sofisticados e de material de consumo perecível. A gente lida com softwares gratuitos e mais com mão de obra e cabeça. Claro que estamos em um momento horrível, o Varsul tem mais de 30 anos, tem outro projeto alocado nele, de mais de 50 anos, e a gente não tem recurso pra ter alguém pra transpor fitas magnéticas”, lamenta.

A escassez de recursos não desmotiva Valéria, que reconhece em momentos como o SIC uma oportunidade de atingir o objetivo da universidade: disseminar produção de conhecimento. “Acho um momento glorioso da instituição, que tem essa função de mostrar o que produz, com ou sem recurso. Faço questão sempre de participar, mesmo agora este ano que excepcionalmente não vou ter trabalho de orientando, vou lá participar como integrante da banca”, revela.

Lucio Martins

Ciências Exatas e da Terra



O trabalho *Novas drogas antialérgicas: estudo e preparação de uma série de pirimidinonas condensadas*, premiado no primeiro SIC, traduz bem o que foi a carreira do seu autor, o químico Lucio Martins: uma profunda interação entre química e medicina. Já antes de prestar vestibular, ele estava em dúvida entre os dois cursos. Optou pelo primeiro sem saber que, um dia, trabalharia acompanhando médicos em salas de cirurgia.

Lucio é sócio e um dos fundadores da Suprisul, empresa que atua na distribuição de suprimentos médicos, e da Logmed, que trabalha com armazenagem e transporte desses produtos. “Quando surge uma novidade na indústria, nós, vendedores técnicos, levamos para o médico, demonstramos e o treinamos para usar. Para ter essa conversa com o médico, temos que saber quase tanto de cirurgia quanto ele”, explica. Além dos profissionais, ele também lida com hospitais e planos de saúde.

Lucio destaca a importância que um docente da graduação teve

para que ele começasse a iniciação científica. “O professor Valter Stefani foi o cara. Eu tinha uma fascinação por ele e vim a descobrir que ele tinha um grupo de pesquisa”. Depois de formado, o químico estava em dúvida entre seguir na área acadêmica ou buscar um espaço no mercado de trabalho. Uma oportunidade na linha médica da multinacional Johnson & Johnson acabou direcionando sua carreira. “A remuneração era boa, e eu venho de uma família simples, então precisava trabalhar. A bolsa do mestrado era cerca de um quinto do que eu ia ganhar”, revela.

Antes de sair e fundar a Suprisul, em 2008, Lucio ficou quase 20 anos na multinacional e chegou a um cargo de diretoria. Apesar de ter trilhado toda a sua trajetória na iniciativa privada, ele expõe que a iniciação científica foi importante. “É um pilar, uma base que te ajuda muito na tua vida, a ser um indivíduo melhor preparado. Te diferencia dos outros. É uma forma de a gente qualificar a nossa formação”, avalia.

Clarissa Brunet

Linguística, Letras e Artes



Hoje professora de francês no Colégio de Aplicação da UFRGS, Clarissa Brunet fez parte do grupo de estudantes premiado no SIC de 1989 com a pesquisa *Variação linguística no sul do país*. Atualmente na área de lexicografia (estudo das expressões de um idioma), não se dedica primordialmente à pesquisa, mas orienta alunos do ensino médio no estudo de termos usados em conversações em francês. Apesar da evidente diferença no idioma, existem muitas semelhanças entre os dois trabalhos: a variação linguística, antes no português do sul do Brasil, agora é abordada no francês, para que os alunos reconheçam quais as expressões mais adequadas para usar em cada situação. “Reuni um *corpus* a partir de sites em que as pessoas postam para se corresponder e contrastei com uma correspondência dirigida por um professor. A diferença é que naqueles os termos eram informais, como ‘Oi’ e ‘E aí?’; na mensagem dirigida pelo professor já era mais formal.”

Por ter acompanhado o SIC em épocas distintas, Clarissa

considera que os avanços foram significativos, em especial na área de Linguística. “No início, era muito difícil ser pesquisador, principalmente em Linguística, área em que existiam poucos professores – o pessoal da Letras era mais de Literatura. E não tinha essa questão dos intercâmbios com exterior, de poder estudar, voltar e trazer tecnologia e conhecimento para o país.” Em termos de financiamento, porém, observa retrocessos: “Parece que estamos retornando à época anterior ao primeiro SIC.”

Além de oferecer o primeiro contato com a pesquisa científica, Clarissa também busca incentivar o interesse por este campo, derrubando preconceitos e aproximando o tema dos estudantes. “Acho que aqui a gente tem um bom começo, dizendo para os alunos que ciência não é só o jaleco. Eles podem pesquisar assuntos que dizem respeito a si mesmos. Podem ser jogos eletrônicos; enfim, para despertar a vontade de sanar suas curiosidades e ir muito mais a fundo nisso, transformar em estudo, em alguma coisa que possa informar os colegas”, salienta.